

# ESTÁGIO SUPERVISIONADO: AS CONTRIBUIÇÕES E DIFICULDADES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

## **JOZIANE MELO DA SILVA**

Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [jozianemelo6@gmail.com](mailto:jozianemelo6@gmail.com);

## **CARMÍ FERRAZ SANTOS**

Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [carmiferraz@gmail.com](mailto:carmiferraz@gmail.com);

## RESUMO

Este artigo trata da temática do Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Pedagogia e apresenta uma breve discussão sobre o contexto do estágio. Abordamos também a relação teoria e prática, e a constituição da identidade docente na formação inicial. Metodologicamente, adotamos uma abordagem de natureza qualitativa, e utilizamos um questionário como instrumento para coleta de dados da pesquisa. Os sujeitos investigados foram estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Os resultados desta pesquisa apontam que são grandes as contribuições do Estágio Supervisionado Obrigatório, pois possibilita aos discentes do curso de licenciatura em Pedagogia a consolidação da relação teoria e prática, a autonomia e constituição da identidade docente, dentre outras contribuições. Além disso, este estudo nos mostrou que o estágio é um momento oportuno da formação que possibilita trocas entre o campo acadêmico e o campo escolar e vice-versa, podendo, assim, fomentar novos saberes, novas reflexões acerca do *lôcus* da atuação docente.

**Palavras-chave:** Estágio; Formação Inicial; Pedagogia.

## 1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) é de extrema importância para a formação docente, e é sem dúvida alguma um componente curricular imprescindível para o processo de formação inicial de professores, uma vez que proporciona o contato dos licenciandos com a sua futura área de atuação. Viabilizando, desse modo, experiências significativas para a carreira profissional dos discentes, através da interação nos espaços escolares com a sala de aula, com os profissionais experientes e com todos os envolvidos no contexto educacional, e também, através da práxis, isto é, ação-reflexão-ação, do sujeito em formação, possibilitando assim, uma postura crítica reflexiva da ação docente. Além da articulação da teoria com a prática, ocasionada nos momentos de realização do Estágio.

Sendo assim, esse estudo buscou saber quais são as contribuições do estágio supervisionado na formação dos estudantes de Pedagogia de uma instituição Federal, situada em Pernambuco e corresponde a um recorte do trabalho de conclusão de curso de graduação. Para isso traçamos como objetivos específicos os seguintes: analisar a relação entre a teoria e prática do estágio na perspectiva do estudante; identificar dificuldades, desafios e as contribuições do estágio na visão dos discentes do curso de pedagogia em questão.

Diante disso, apresentamos alguns apontamentos que consideramos essenciais para esse processo investigativo, que acreditamos contribuir para a reflexão acerca da formação profissional dos discentes, a saber: a relação entre a teoria e a realidade/prática; aquisição de novos conhecimentos através do contato e interação com o cotidiano escolar; autonomia e identidade profissional; direção para o campo da pesquisa.

Consideramos que a temática do Estágio Supervisionado Obrigatório é de grande relevância para a formação dos discentes, especificamente neste caso, para os licenciandos do curso de Pedagogia, para a sociedade e para o meio acadêmico. Pois o ESO é um componente curricular fundamental para a preparação profissional, promovendo também um diálogo entre as escolas da Educação Básica, Universidade e vice-versa. Possibilitando a consolidação dos conhecimentos teóricos com a prática, aspecto primordial para a formação docente.

Dada a importância desse tema, neste artigo primeiramente abordamos, de forma sucinta e breve, a respeito do contexto do estágio. Em seguida, discorreremos sobre a relação teoria e prática no estágio e a

constituição da identidade docente na formação inicial. Logo após essa discussão teórica, apresentamos o trajeto metodológico da pesquisa, tecendo algumas considerações sobre os resultados e a análise encontrados nesse estudo.

## 2. ESTÁGIO: UMA BREVE DISCUSSÃO

As discussões concernentes à temática de Estágio, podemos dizer, que são decorrentes de muitos anos e de um longo processo, permeada, por um lado, pelas questões relativas ao campo da educação, e, por outro, envolvendo as questões trabalhistas. Inicialmente, faz-se necessário ressaltar neste artigo como ocorreu o surgimento da palavra estágio. Segundo Colombo e Ballão (2014), o termo apareceu na literatura em 1080, em latim medieval “stagium”, no sentido de “residência ou local para morar”, tendo sua origem vinda do latim clássico “stage” tendo como definição “estar num lugar”. Os autores ainda discorrem que

Em 1630, o termo stage apareceu na literatura, em francês antigo, referindo-se ao período transitório de treinamento de um sacerdote para o exercício de seu mister. Era o período que um cônego (padre) deveria residir na igreja, antes de entrar de posse de seus direitos por completo. Daí deriva o termo “residência”, usado para indicar o estágio ou tempo de tirocínio (prática ou noviciado) para a profissionalização médica. Portanto, desde seu nascimento no latim, o termo “estágio” sempre esteve vinculado à aprendizagem posta em prática num adequado local sob supervisão.

No que diz respeito ao contexto histórico do estágio, segundo Martins e Curi (2019, p. 690) “no Brasil, o desenvolvimento histórico da legislação que dispõe sobre o estágio inicia-se a partir de 1833, quando se constituiu a primeira Escola Normal, visando a qualificação e o desenvolvimento profissional de professores”. As autoras ainda salientam que a concepção de Estágio Supervisionado, no Brasil, deu-se através da lei orgânica do ensino normal em 1946. Nesse sentido, Barreiro e Gebran enfatizam que

As antigas escolas de formação de professores, as chamadas escolas Normais, eram, até então, regidas por legislação estadual, sendo que cada estado tinha legislação própria: organizava e definia a estrutura curricular

dos cursos de formação de professores e, em especial, a Prática de Ensino, de modo diferenciado. Esta situação diversa e desigual dos cursos passa a ser unificada legalmente pela Lei Orgânica do Ensino Normal, de 2 de janeiro de 1946 (Decreto-lei n. 8530/46), que estabelece um currículo único para todos os estados [...] (BARREIRO; GEBRAN, 2015, p. 50).

Depreende-se a partir da colocação das autoras que antes da promulgação da lei orgânica do ensino normal o Estágio era tratado por diferentes perspectivas e entendimento, ora apresentado como disciplinas prática de ensino, ora como componente curricular mínimo, dentre outras formas de compreensão, carecendo assim, de uma compreensão mais significativa e relevante para o campo educacional. É importante também destacar o papel nessa discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9. 394/1996, uma vez que veio elucidar que a teoria e prática estão imbricadas na formação de qualquer profissional, sendo primordial essa articulação para os profissionais da educação, e deve ocorrer, também, através das vivências do Estágio Supervisionado na formação inicial de professores.

Outro marco importante para a ressignificação do estágio, com vista a proporcionar experiências para a área de atuação profissional dos estagiários, é a lei Nº 11. 788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes. A referida lei enfatiza o estágio como um componente curricular essencial para integrar a formação do discente, com vistas ao aprendizado de competências da área de atuação. Essa lei, em seu artigo 1º estabelece o estágio como

Art. 1º. Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Conforme o que dispõe a lei vigente de estágio, a supervisão no estágio faz-se necessária para a formação do sujeito, com vista ao seu desenvolvimento e atuação profissional.

### 3. ESTÁGIO: ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Barreiro e Gebran (2015) salientam que a relação teoria e prática é imprescindível, tanto para a formação inicial do docente, quanto para a formação continuada. Além disso, essa imbricação da teoria com a prática é fundamental para uma formação de qualidade, uma vez que contribui para a autonomia e profissionalização docente dos sujeitos, por meio das experiências vivenciadas no campo de atuação, articulando os conhecimentos teóricos à prática pedagógica. Nessa perspectiva pode possibilitar um processo investigativo e reflexivo sobre as ações/fatos do campo profissional. Nessa direção, Bianchi; Alvarenga e Bianchi (2008) salientam que a relação teórica e prática corrobora para a formação de profissionais qualificados para a carreira de atuação e para o melhor desenvolvimento do trabalho no meio social.

Para Barreiro e Gebran (op.cit.), o estágio pode ainda ser o momento propício para a promoção e constituição da identidade docente.

Para tanto, é essencial que o mesmo seja realizado com este objetivo. As autoras também destacam que

Educadores precisam de formação teórica e da concretização da teoria na prática, adquiridas em situações didáticas que permitam que os conhecimentos apreendidos, de diferentes naturezas e experiências, possam ser experimentados em tempos e espaços distintos, de maneira crítica e reflexiva (, p. 115).

A partir da colocação de Barreiro e Gebran, podemos perceber a importância da articulação da teoria e prática na formação de professor, uma vez que esta permite aos licenciandos experiências profissionais, reflexão sobre a ação e até mesmo a construção de novos saberes e constituição da identidade profissional. Nessa perspectiva Pimenta e Lima ressaltam que

O curso, o estágio, as aprendizagens das demais disciplinas e experiências e vivências dentro e fora da universidade ajudam a construir a identidade docente. O estágio ao promover a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do professor na sociedade (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 67).

Conforme as afirmações dos autores acima, o estágio também é um dos momentos que contribui para a formação da identidade do sujeito em formação inicial, bem como é um momento oportuno para que os licenciandos percebam que os conhecimentos teóricos são importantes para a prática no espaço educacional. Contudo, estes processos e encaminhamentos também devem ser explorados durante todo o percurso do curso de formação de professores, e também na formação continuada. Como enfatiza Barreiro e Gebran (op. cit.) a identidade profissional está atrelada à identidade pessoal do sujeito, e constitui-se por meio de sua atuação no *lôcus* de trabalho, pelas interações que são ali estabelecidas com o grupo e as pessoas envolvidas nesse contexto educacional.

#### 4. TRAJETO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza qualitativa, porém, utilizamos também dados quantitativos, pois, segundo Minayo (1994), os dados quantitativos e qualitativos se complementam. Utilizamos o estudo de caso, que conforme Pádua (2016 p. 79) “[...] é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando, bem como seu processo de desenvolvimento”.

No tocante ao instrumento de coleta de dados, fizemos uso de um questionário contendo questões pautadas na discussão proposta nesta pesquisa, buscando saber dos participantes a concepção deles em relação à teoria e prática no estágio, à contribuição do estágio para a identidade profissional, às dificuldades e aos desafios na realização do estágio, à possibilidade de pesquisa no estágio, dentre outros pontos relacionados a nossa investigação.

O campo de pesquisa se deu em uma Universidade Federal em Pernambuco, e os sujeitos da pesquisa foram 22 discentes do curso de licenciatura em pedagogia da referida Universidade. Do total, 13 discentes cursavam o estágio supervisionado III (7º período do curso) e 9 cursavam o estágio supervisionado IV (8º período). Todos do gênero feminino e na faixa etária de 18 a 60 anos. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa utilizamos números ao referenciá-los no presente trabalho, como por exemplo: discente 1 (D1), discente 2 (D2). No que diz respeito à análise dos dados, organizamos a partir das seguintes categorias: relação teoria e prática no estágio; dificuldades e desafios no ESO; contribuições do ESO para formação docente.

## 5. PERCEPÇÃO DOS DISCENTES SOBRE O ESO: ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 5.1. RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Nesta categoria, para entender a perspectiva dos sujeitos participantes dessa pesquisa, em relação a teoria e prática no estágio, questionamos se a partir da vivência no ESO eles conseguiam relacionar os conhecimentos teóricos à sua prática pedagógica. Sendo assim, dos nove discentes que estavam cursando o estágio IV, participante da pesquisa, sete responderam que “sim” e dois responderam que “às vezes”. E dos 13 discentes do estágio III, apenas um respondeu que “às vezes”, tendo os outros respondido afirmativamente. Todos os participantes que responderam “sim” enfatizaram que as experiências decorrentes das vivências no cotidiano da escola são de grande relevância para o fazer docente. Destacaram ainda que os conhecimentos adquiridos na academia ajudam para uma atuação significativa do professor. Salientaram também que a relação teoria e prática se complementam, e que os conhecimentos das disciplinas práticas e metodológicas na graduação são imprescindíveis para o exercício docente.

Essas ponderações ficaram explícitas nos registros dos participantes, tais como as apresentadas abaixo:

Sim. Através dos textos procuro adequar minha prática pedagógica, assim como a BNCC que orienta o docente na elaboração de conteúdos a serem aplicados. E de acordo com a realização das práticas em sala de aula percebo que as teorias e as práticas estão interligadas, uma concretiza a outra (D1, ESTÁGIO IV).

Sim. É incrível como se torna gratificante quando nos deparamos com a prática docente após os estudos teóricos. Sem a prática não entendemos de forma plena o que a teoria nos ensina, e sem a reflexão crítica da teoria à prática docente não existe de forma responsável (D20, ESTÁGIO III).

Tais colocações desses sujeitos em formação inicial, corrobora o que afirmam Barreiro e Gebran (2015), quando dizem que no processo de formação de professores é necessária a articulação da teoria com a prática, pois são indissociáveis. As autoras ainda destacam que essa articulação é estabelecida através das experiências, que no estágio é fundamental que

ocorram práticas marcadas por intencionalidades e que promovam uma reflexão crítica da realidade vivenciada.

Em relação aos licenciandos que disseram que nem sempre conseguiam relacionar os conhecimentos teóricos à prática pedagógica, fica subentendido que esses discentes tenham uma compreensão de prática ligada apenas à questão metodológica, não considerando que as disciplinas de caráter mais teórico também discutem a prática pedagógica. Como é notório no registro da discente do estágio IV:

Alguns deles sim. O que mais consigo relacionar são os conhecimentos voltados a língua portuguesa e ensino da linguagem oral, porque foram aulas bem embasadas. As demais disciplinas foram mais gerais, muito amplas e mais voltadas para os documentos como PCN e LDB (D5).

Ainda em relação à teoria e prática, buscamos saber dos estudantes se o Estágio Supervisionado proporciona a aquisição de novos conhecimentos através da interação com o cotidiano escolar. Ressaltamos que dos nove discentes do ESO IV, oito responderam que “sim”, e apenas um discente (D5) alegou que “depende”, e justificou assim: “Depende de como ele está sendo supervisionado. Eu pelo menos não tive muito suporte na escola em que estagiei. E na Universidade só tive suporte da professora do estágio III e IV”.

Desse modo, a justificativa da discente acima indica que talvez não seja apenas o estágio que não proporciona aquisição de novos saberes, mas a maneira de conduzir e mediar os sujeitos no seu processo de formação inicial. Como ressalta Barreiro e Gebran (2015), a dificuldade em relacionar os conhecimentos teóricos com a prática docente não é inerente apenas aos discentes, mas deve-se também ao seu processo formativo, ou seja, à formação que o sujeito está recebendo. Portanto, os docentes dos cursos superiores, que são orientadores dos estágios, assim como os docentes das escolas da educação básica, que recebem em sua sala de aula esses licenciandos (as), têm função essencial para a formação desses sujeitos no caminho da docência. Uma vez que os estudantes sozinhos muitas vezes não conseguem perceber como ocorre a relação teoria e prática nas experiências proporcionadas no estágio.

Quanto aos discentes do estágio III, as respostas foram unânimes, pois dos 13 participantes, todos disseram que “sim” o Estágio Supervisionado proporciona a aquisição de novos conhecimentos através da interação com o cotidiano escolar. As justificativas dos estudantes que

responderam “sim”, tanto do estágio III quanto do estágio IV, destacaram a importância da observação e participação do estagiário em sala de aula, as regências que contribuíram para a aprendizagem e formação pessoal, e também do professor, além da aprendizagem da rotina escolar e o contato com os profissionais experientes e atuantes na profissão. Pontuaram também os conhecimentos em relação às práticas pedagógicas, à relação professor e estudante da classe, aos desafios e às dificuldades de ensino e aprendizagem encontrados, que fazem com que os direcionem a fazer novas pesquisas diante das situações vivenciadas e observadas, despertando, então, um novo olhar para o chão da escola, assim como sobre os conhecimentos que só se concretizam na prática, e as experiências práticas que são enriquecedoras para o fazer docente. Como colocado no registro da discente do estágio IV, abaixo:

Sim. Pois apesar de durante as aulas teóricas na universidade idealizarmos o cotidiano da profissão, quando chegamos no campo nos deparamos com muitos obstáculos e precisamos lidar com eles e assim vamos adquirindo conhecimentos, como também através do contato com outros profissionais (D7).

Nessa direção, percebe-se que em sua maioria os sujeitos participantes desta pesquisa acreditam que a interação com o espaço escolar através do estágio favorece a aquisição de novos saberes e aprendizagem, bem como propicia a consolidação da teoria com a prática.

Para tanto, é fundamental que esses saberes e experiências vivenciadas pelos discentes no campo de estágio, especificamente no cotidiano escolar, sejam discutidos na academia, com vista a promover diálogos e reflexões sobre a formação docente. Neste sentido, Barreiro e Gebran (2015) destacam que é importante que o processo de reflexão seja instigado pelo curso de formação inicial de professores, pelos docentes e pelos próprios licenciandos, refletindo assim sobre a profissão docente e todo o cenário educacional.

## 5.2. DIFICULDADES E DESAFIOS NO ESO

Nesta categoria, buscou-se saber as dificuldades e os desafios encontrados pelos discentes de Pedagogia da universidade no campo de pesquisa, na realização do ESO. Em relação a isso, notou-se que apenas um estudante do estágio IV alegou não ter encontrado dificuldades na realização do estágio. Quanto os estudantes do estágio III sujeitos

participantes da pesquisa, todos registraram algumas de suas dificuldades. Nesse aspecto, tanto os discentes do ESO III quanto os discentes do ESO IV registraram que as dificuldades são diversas, desde o acesso às escolas até mesmo as questões burocráticas de documentação, coleta de assinaturas, etc. Descreveram ainda a falta de acolhimento e abertura por parte de alguns docentes das escolas em receber e acompanhar os estagiários em sua sala de aula. Relataram também que encontram dificuldade para dialogar com os gestores da escola. Os discentes ainda enfatizaram a questão do tempo para conciliar o estágio com as outras disciplinas do curso, assim como conciliar o estágio não obrigatório com o estágio obrigatório, e até mesmo com o trabalho, como sendo uma das grandes dificuldades na formação inicial de professores.

Enfatizaram, ainda, a dificuldade para trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Faz-se necessário destacar que alguns sujeitos investigados pontuaram ter dificuldade para elaborar os relatórios do ESO, e ainda falta de recursos para a realização das atividades no estágio. Com vista aos registros dos discentes, Pimenta e Lima ressaltam que:

Às vezes, a distribuição da carga horária e das disciplinas no currículo dos cursos de licenciatura obriga o aluno a cursar outras disciplinas, além do estágio, no mesmo período letivo. Isso faz com que a ida à escola ocorra em dias alternados, fragmentando as atividades e as percepções que vinham construindo (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 105).

As autoras ainda enfatizam que a partir da compreensão dos discentes sobre o estágio e a sua função dentro do ambiente escolar, as dificuldades tendem a ser melhor encarada.

Nessa mesma direção, Barreiro e Gebran (2015) ressaltam o quanto é essencial que os estagiários entendam a dinâmica do estágio e a sua atuação na escola para o seu processo formativo.

Nesta categoria buscou-se também saber os desafios encontrados pelos discentes em sua prática pedagógica enquanto estagiários. Nesse questionamento apenas um licenciando de cada grupo do estágio da pesquisa relatou não ter encontrado desafios, os outros participantes da pesquisa pontuaram as situações de insegurança por ser iniciante, assim como também o sentimento de incapacidade que surge diante dos desafios e imprevistos. Enfatizaram como desafio o medo de algo dar errado, a timidez, o nervosismo nos momentos das regências/vivências, bem como a interferência do professor da escola no momento de atuação/regência do estagiário. Destacaram também como desafio o domínio de sala de

aula para manter a disciplina dos estudantes sem autoritarismo, a elaboração do planejamento e sua execução quando ocorre algum imprevisto. Acrescentaram ainda não saber lidar com as várias especificidades que existem em sala, dentre elas os transtornos, as deficiências e os diferentes níveis de aprendizagem em que os estudantes se encontram. Sendo assim, pelas afirmações das discentes pôde-se constatar que os desafios são diversos, como afirmou uma licencianda do estágio III:

Os desafios apresentados na minha prática pedagógica enquanto estagiária foram bem variados, dentre eles, destaco a relação professor regente e estagiário, pois percebi uma certa resistência por parte do professor regente ao desenvolvimento do trabalho com o estagiário em sala de aula, sendo em alguns momentos tratada como se fosse um acompanhante infantil, descaracterizando a importância do estágio no processo de formação docente (D17).

Esse registro da discente nos leva a pensar que situações como essa, muitas vezes, são decorrentes do reflexo e das condições às quais os professores vêm enfrentando no contexto educacional, como pontua Pimenta e Lima (2012), sobre perda dos direitos dos docentes que foram conquistados historicamente, assim como o desgaste da profissão, dentre outros fatores, podendo esses acontecimentos reverberarem na maneira como os estagiários são recebidos e tratados nas escolas da educação básica.

Barreiro e Gebran (2015) fazem um outro apontamento muito pertinente nesse viés colocado pelos discentes, as autoras salientam que a figura de um novo elemento na sala de aula, especificamente nesse caso o estagiário, inicialmente causa um certo estranhamento tanto para os estudantes da classe, como para o professor regente, que se sente muitas vezes inseguro com a sua própria representação, fugindo de certas situações, questionamentos, etc.

Diante disso, conforme as autoras, é fundamental a compreensão de que professores e estagiários, mesmo estando em campos distintos, ambos contribuem para os processos educativos, logo, é preciso romper com as barreiras de competição nos espaços escolares.

### **5.3. CONTRIBUIÇÕES DO ESO PARA FORMAÇÃO DOCENTE**

Nesta categoria buscou-se saber o que dizem os discentes a respeito das contribuições do ESO para formação inicial de professores, ou

seja, para a sua formação. Sendo assim, os discentes descreveram alguns pontos do Estágio os quais consideram importantes para o processo de formação docente, como explicitou a discente do estágio III (D16) “Eu considero que a disciplina de estágio é de extrema importância para a conclusão do curso de pedagogia, porque ela começa a situar o chão que o profissional irá trabalhar ativamente”.

Os sujeitos participantes da pesquisa registram que as contribuições do ESO são diversas e valiosas para identificar o campo de atuação e o conhecimento das áreas do pedagogo, assim como aprender a enfrentar obstáculos, aprender com os estudantes das escolas da educação básica e com os professores atuantes e experientes; aprender a lidar com os sujeitos, com a sala de aula e com as situações inesperadas; assim como entender como ocorre as relações entre os pares. Além de conhecer de fato a realidade da profissão e as ações dos profissionais envolvidos no espaço escolar, possibilita também a reflexão a partir das situações observadas e vivenciadas, proporciona a valorização, o crescimento e a responsabilidade profissional, viabiliza a aproximação com o cotidiano escolar e articulação da teoria e prática. Acrescentaram ainda que o ESO contribui para a construção da autonomia do futuro docente, para aprendizagem de saberes da prática pedagógica. Enfatizaram ainda que o estágio pode ser um caminho para despertar o interesse pela busca de conhecimentos específicos, pela inclusão, dentre outras questões relacionadas aos processos educativos. A seguir apresentamos alguns desses relatos:

Me inseriu no ambiente escolar como pesquisadora e como professora iniciante. Pude observar práticas pedagógicas exitosas. Tive a oportunidade de realizar regências que conseqüentemente me ajudarão como profissional. Pude conhecer melhor as relações que acontecem dentro da sala de aula. Fui capaz de articular conhecimentos teóricos com a prática (D9, ESTÁGIO IV).

O estágio me proporcionou experiências únicas que me fizeram amadurecer enquanto futura professora, pois passei por situações novas que me fizeram refletir e buscar conciliar o que eu via na teoria com a prática. Assim a disciplina é indispensável pois é nela que o aluno irá se descobrir enquanto futuro (a) professor (a), é no estágio que passamos por situações que nos fazem evoluir enquanto profissional pois cada decisão, cada atividade desenvolvida é mais um aprendizado que será levado por toda vida (D14, ESTÁGIO III).

No que diz respeito às exposições dos registros dos participantes da pesquisa quanto às contribuições do estágio, Barreiro e Gebran (2015) destacam a relevância do contato dos sujeitos com todos os envolvidos no âmbito escolar, como uma forma que pode favorecer a resolução de situações problemas, além de possibilitar a compreensão do cotidiano escolar, o surgimento de indagações, e consecutivamente, desencadear novas ações e aprendizagem.

Ainda nessa categoria questionamos os discentes participantes da pesquisa a respeito da contribuição do ESO para a autonomia e identidade profissional, nesse quesito, os sujeitos em formação inicial tanto do estágio III quanto do estágio IV afirmaram que “sim”, reconhecendo a importância do estágio para a autonomia e identidade docente. Nesse aspecto, os licenciandos registraram que as experiências e as vivências em sala de aula proporcionadas pelas regências que são realizadas durante o estágio supervisionado vão formando e construindo a identidade do profissional e a autonomia docente através da prática vivenciada. Destacaram ainda que as experiências são fundamentais para a identificação da área específica de atuação, registrando comentários, tais quais:

Sim, a partir das experiências do estágio conseguimos analisar qual público possuímos maior identificação e qual será a nossa forma de planejar e abordar os conteúdos em sala de aula. No entanto, esse processo de formação de autonomia e identidade é contínuo e vai além do estágio, ele também ocorre no decorrer do processo formativo e da atuação profissional (D11, ESTÁGIO III).

Sim. O estágio supervisionado nos permite revelar o profissional que está sendo formado. Temos critérios e objetivos a serem alcançados, mas há sim autonomia para o estagiário exercer tais obrigações da maneira que considera necessária. E essa autonomia que revela o nosso posicionamento, e nosso ser profissional (D6, ESTÁGIO IV).

Diante do exposto pelas discentes, Pimenta e Lima (2012) fazem uma ressalva no tocante à identidade docente, salientando que, embora o estágio seja o ponto inicial para proporcionar reflexões acerca da construção da identidade do professor, esse processo também será consolidado no decorrer do percurso de formação dos sujeitos e ao longo da sua atuação profissional.

Barreiro e Gebran compactuam com essa ideia e afirmam que:

A identidade do professor é construída no decorrer do exercício da sua profissão, porém, é durante a formação inicial que serão sedimentados os pressupostos e as diretrizes presentes no curso formador, decisivos na construção da identidade docente (BARREIRO; GEBRAN, 2015, p. 22).

Alguns registros dos sujeitos investigados ao relatarem que o estágio tem suas contribuições, mas apresenta algumas restrições, faz-nos repensar no que diz Pimenta e Lima (2012), ao enfatizarem que o estágio como componente curricular pode até não ser uma preparação efetiva para a carreira docente, contudo, por meio deste componente curricular é possível trabalhar aspectos da formação docente, da profissão, entre outras questões. As autoras ainda salientam que é de extrema importância todas as experiências vivenciadas pelos licenciandos para a construção da identidade docente, além disso, os outros componentes curriculares do curso também são imprescindíveis para esse processo da constituição identitária do professor, como também a contribuição do curso formador é essencial.

Questionamos também aos discentes se para eles o estágio direciona para o campo da pesquisa. Visando desse modo saber a opinião deles se a pesquisa no estágio contribui de algum modo na formação inicial. Quanto a isso, os licenciando tanto do estágio III, quanto do estágio IV apresentaram respostas variadas. Três discentes do estágio IV afirmaram que “sim”, três acreditam que o Estágio “não” direciona para o campo da pesquisa e três estudantes responderam que “às vezes”, ou seja, para esses licenciando há uma probabilidade de acontecer pesquisas no estágio, dependendo das situações observadas e vivenciadas, e também do incentivo recebido na sua formação.

Todavia oito dos discentes que estavam no estágio III, participantes desse processo de investigação, afirmaram que “sim” e cinco disseram que “não”. Desse modo os que afirmaram que o ESO direciona para elaboração de pesquisas, descreveram que, através do olhar atento para o ambiente escolar e com vistas para os processos que ali se desenvolvem, surgem questionamentos que viabilizam investigações para os fatos observados. Os discentes também ressaltaram que as situações que acontecem no estágio, as lacunas percebidas podem despertar o interesse para a pesquisa, como descrito pela discente do estágio IV (D9) “quando realizamos o estágio com um olhar mais atento e crítico, nos

deparamos com diversos aspectos/fenômenos possíveis de serem estudados na nossa área de atuação”.

Por sua vez, os sujeitos que disseram que o estágio não direciona para pesquisas expuseram pouca argumentação, salientando que o ESO está mais ligado para à prática docente e para a carreira profissional. Nesse sentido, Pimenta e Lima (2012) enfatizam que para que o estágio se concretize como pesquisa é primordial que haja uma inter-relação com os outros componentes curriculares do curso de formação. Nesse mesmo viés, Barreiro e Gebran (2015) salientam a importância do trabalho no estágio articulado com as disciplinas do curso, o que pode viabilizar novos saberes, novos conhecimentos. Além disso, as autoras ressaltam que o desenvolvimento de pesquisas no estágio não é tão simples assim para acontecer de maneira rápida, isto requer um esforço de todos os profissionais envolvidos no processo de formação docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos aspectos acima tratados, concluímos que o componente curricular ESO no curso de formação de professores, especificamente no nosso caso no curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Instituição Federal, situada em Pernambuco; é de grande relevância para os sujeitos em formação inicial no caminho da docência.

A partir dos resultados obtidos percebem-se que os sujeitos em formação inicial compreendem que a teoria e prática estão imbricadas, e que essa articulação é um fator primordial para um estágio significativo, auxiliando a futura prática em sala de aula. Os dados também revelam que o estágio contribui para a construção da autonomia, dos saberes da prática pedagógica e da identidade docente, dentre outros fatores relacionados. Permitindo que os discentes possam ter experiências com o seu futuro campo de atuação, bem antes de iniciar o exercício profissional. Contudo, apesar de grandes contribuições do estágio, perceber-se através dos dados coletados, que os estudantes enfrentam muitas dificuldades e desafios nesta trajetória acadêmica com o estágio. E também que a pesquisa no estágio ainda é algo distante para ser realizada, porém não é impossível.

Em suma, através desta investigação é notório observar que o estágio é um momento oportuno da formação inicial, que possibilita trocas entre o campo acadêmico e o campo escolar e vice-versa, podendo, assim,

fomentar novos saberes, novas reflexões acerca do *lócus* de atuação e da dinamicidade que permeia o cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. 2ª ed. São Paulo: Avercamp, 2015.

BIANCHI, Anna Cecília de Moraes; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual de Orientação: Estágio Supervisionado**. 3ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BRASIL. **Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm)>. Acesso em: 10, ago. 2021.

COLOMBO, Irineu Mario.; BALLÃO, Carmem. Mazepa. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. **Educar em revista**. Curitiba, n. 53, p. 171-186, jul./set. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.36902>>. Acesso em: 30, jul. 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARTINS, Priscila Bernardo.; CURI, Edda. Estágio Curricular Supervisionado: uma retrospectiva histórica na legislação brasileira. **Revista Eletrônica de Educação**. v. 13, n. 2, p. 689-701, maio/ago. 2019. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2471>>. Acesso em: 30, jul. 2021.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 18ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.